

VILÉM FLUSSER

Intuição poética?

Como espíritos racionais nutrimos uma desconfiança em conceitos que não admitem explicação racional. Uma desconfiança acompanhada de desprezo. A razão da nossa desconfiança é formal: o conceito sendo o elemento do nosso espírito racional, (do nosso intelecto), desconfiamos que um conceito racionalmente inexplicável seja um conceito falso. A razão do nosso desprezo é vivencial: a manipulação de conceitos racionalmente inexplicáveis é um malabarismo fácil e desprezível, por racionalmente incontrolável. Com efeito, é um recurso de espíritos suspeitos. Resulta, via de regra, em demagogia ou conversa fiada. A "sensibilidade romântica", a "alma popular em efervescência", o apelo aos instintos e ao subconsciente são exemplos dessa demagogia e dessa conversa fiada. A nossa desconfiança e o nosso desprezo são justificados por estes exemplos.

Entretanto, conceitos racionalmente inexplicáveis existem. Peço ao leitor de considerar este fato curioso que é um conceito racionalmente inexplicável. O "conceito" é a contrapartida racional da "coisa". Em linguagem popular dizemos que concebemos coisas, isto é que o intelecto transforma coisas em conceitos. O conceito é a coisa racionalizada. A coisa transformada em conceito é ipso facto incorporada no intelecto, isto é torna-se explicável racionalmente. Mutatis mutandis: não podemos conceber algo racionalmente inexplicável, algo que não seja, pelo menos em teoria, racionalmente explicável. Com efeito, o progresso intelectual consiste justamente na explicação sucessiva de conceitos ainda não explicados. O que vêm a ser, portanto, os "conceitos inexplicáveis"? Aqueles contra os quais o progresso intelectual investe em vão? Aqueles conceitos como "Deus", ou "realidade" ou "significado" ou "amor" ou "eu"? (Escolhi, de propósito, exemplos díspares de "conceitos inexplicáveis".)

Em primeiro lugar se impõe a questão: são estes conceitos efetivamente inexplicáveis, e se o são, porquê? Evidentemente o intelecto se esforça por explicá-los, e consegue fazê-lo dentro de certos limites. Mas estas tentativas de explicação destroem, como que por encanto, o conceito a ser explicado. "Deus" ou "amor" explicado é "Deus" ou "amor" destruído. A explicação deste tipo de conceitos não os assimila ao intelecto, mas os expelle do território intelectual. Entretanto eles teimam em voltar. Continuam a existir a despeito de toda explicação. São inexplicáveis. Porquê o são? A resposta é formal e diz respeito à estrutura do intelecto: são inexplicá-

veis porque não encontram lugar na engrenagem do intelecto. Conceitos são palavras. Conceitos inexplicáveis são palavras com as quais não podem ser formuladas frases significativas, ou as quais se destroem ao entrar em frases significativas. Por exemplo: a frase: "o amor é uma forma sublimada de libido" é significativa, mas o conceito "amor" é destruído nela. A frase: "omnia vincit amor" conserva o conceito "amor", mas carece de significado no senso estrito. Conceitos inexplicáveis são palavras que não servem para funcionar autenticamente como sujeitos ou objetos de frases significativas. Não podem ser autenticamente falados. Devem ser calados.

eis a razão porque a manipulação deste tipo de conceitos resulta em demagogia e conversa fiada, isto é em frases sem significado. Podemos portanto dizer que se trata de conceitos "falsos"? Não o podemos pela consideração seguinte: Embora estes conceitos não sirvam para a formulação de frases significativas, estimulam, qual catalisadores, todo o processo intelectual sem dele autenticamente participar. São, com efeito, a origem e a meta do processo intelectual. Todo este processo pode ser encarado como uma tentativa de explicação, (tentativa frustrada), de conceitos como "Deus" e "eu". Se nos resolvermos a chamar estes conceitos de "falsos", estaremos condenando todo processo intelectual não somente quanto à sua eficiência, (ele é frustrado), mas ainda quanto à sua meta (ele é "falso"). A tentativa de eliminar os conceitos racionalmente inexplicáveis, empreendida pelo intelecto, resulta paradoxalmente na destruição do próprio intelecto. É portanto impossível, tanto prática-, como teoricamente, a não ser que estejamos prontos a mergulhar no calar-se wittgensteiniano, um calar-se que o próprio Wittgenstein prometeu, mas não cumpriu.

Até agora tenho me esfoçado neste artigo por expor o aspecto formal do problema da limitação do intelecto e do absurdo inerente ao processo intelectual, absurdo este tornado evidente pela existência de conceitos racionalmente inexplicáveis. Ao abordar o lado vivencial do problema chamo a atenção do leitor para o mundo estranho e poderoso do pensador brasileiro Vácente Ferreira da Silva, e mais especialmente para o seu ensaio "Instrumentos, coisas e cultura" da Revista Brasileira de Filosofia de Maio de 58. Aparentemente Ferreira da Silva não se preocupa com o problema. Discute um problema aparentemente estranho ao da presente discussão, a saber o da "origem das coisas". Fingindo expor os pontos de vista de Frobenius e Heidegger, eferece, na realidade, uma visão do mundo que é fruto de uma vivên

cia sua. Essa visão é aproximadamente a seguinte: Tudo surgiu e continua surgindo na "proximidade". Tudo, isto é as coisas que chamamos "mundo", e aquilo que chamamos "eu", e aquilo que chamamos "Deus". Surgiu e continua surgindo "in illo tempore", isto é trata-se de uma visão a-histórica. A "proximidade" é o lugar no qual o mundo, o "eu" e "Deus" se dão. Com efeito, projetam-se da "proximidade". As "coisas" que perfazem o mundo são diáfanas na proximidade, deixam entrever "Deus" e "eu", e deixam entrever umas as outras. São térfanas e, (presumivelmente) egófnas. Ao se precipitarem da proximidade tornam-se opacas, tornam-se profanas. O progresso do projeto a partir da proximidade é, com efeito, um progresso de profanação. As "coisas" se transformam em instrumentos, e a totalidade dos instrumentos de um dado projeto é o que chamamos "cultura". A cultura é a realização do projeto que jorra de uma dada proximidade. A total realização do projeto é a sua morte. A civilização ocidental é uma cultura em vias de realização total de um projeto que se originou na proximidade chamada "cristianismo". Todas as nossas "coisas" são profanisadas, tornaram-se instrumentos. A técnica é a última realização do projeto "cristianismo". Por ser sua realização, é sua morte. A proximidade não é algo pertencente ao passado de uma dada cultura, mas está sempre presente na "festa". Na "festa" a proximidade se manifesta sempre nova, as coisas são sempre "coisas", isto é diáfanas, não instrumentos. A progressiva realização do projeto elimina, progressivamente, as "festas". A nossa civilização, por ser uma cultura quase realizada, é muito pouco festiva. "O trabalho na fábrica substitui a missa" (Ferreira da Silva). Daí o nojo que pervade toda cultura realizada em geral, e nossa civilização em particular. A profanação total do mundo mata a vivência da "proximidade" que é uma vivência festiva e exuberante. Há indícios de uma nova "proximidade", de uma nova vivência festiva e exuberante, na qual as "coisas" tornam a ser diáfanas. Há indícios de um novo projeto a resultar em cultura nova. Estes indícios são, entre outros, a vivência nas praias, os "week-ends", certa arte atual e as vivências que a psicologia das profundidades nos proporciona. Como se vê, é uma visão do mundo até certo ponto tipicamente brasileira, que deve pelo menos tanto ao candomblé quanto a Heidegger. Esta exuberância tropical, quando traduzida para o terreno frio do presente argumento, é revelada como sendo, fundamentalmente, uma preocupação com os "conceitos inexplicáveis". As "coisas diáfanas na proximidade" são, com efeito, justamente estes conceitos. E os "instrumentos" são os conceitos ex

plicáveis. A passagem de "coisa" para "instrumento" continua envolta em mistério no mundo de Ferreira da Silva. O porquê e o como da profanação não é discutido. Não o é, porque Ferreira da Silva não aceita plenamente a premissa tácita deste argumento, de acordo com a qual a "projeto" é a língua; a "realização" é a articulação, e a "proximidade" é a origem extra-linguística da língua. "A realização do projeto" é a conversação de uma dada língua, e a "cultura" é a soma das frases conversadas. Não aceitando plenamente esta premissa, não pode Ferreira da Silva discutir o processo da profanação, que é o da conversação de acordo com as regras da língua.

Entretanto, o surgir das "coisas", isto é dos conceitos, é admiravelmente bem captado. A diafanidade das coisas in statu nascendi é uma vivência autêntica. Todas nós conhecemos essa imprecisão nebulosa e profundidade inexaurível dos conceitos inexplicáveis. São realmente diáfanos. São teófanos no sentido de deixar transparecer o fundamento extra-racional do intelecto. E, por não serem definíveis, abranjem todos conceitos possíveis. A "proximidade" da qual surgem é a intuição poética, fonte e meta do intelecto. A intuição poética é o lugar no qual surge o intelecto com seus conceitos e combinações de conceitos. O intelecto é a "profanação", por conversação, do intuição poética. A intuição poética é realmente festiva e exuberante. É entusiasta, inebriada pelo inarticulável. Ela é festiva no sentido ferreiriano.

Entretanto não creio que a "realização total do projeto" seja uma concepção autêntica, e não compartilho portanto do pessimismo de Ferreira da Silva. A intuição poética não pode ser "realizada totalmente". Aquilo que Ferreira da Silva chama de "cristianismo" não pode ser totalmente realizado, é inexaurível. Por ser uma autêntica intuição poética, não pode ser jamais "totalmente explicada". Paradoxalmente, Ferreira da Silva substitui a força da "proximidade". Não é por ser um cristianismo realizado e profanado que o Ocidente perecerá, (se é que perecerá), mas por ser um cristianismo insuficientemente realizado e aplicado ("angewendet") ao profano. A intuição poética que é o cristianismo brotou "in illo tempore" e continuava brotando festivamente, como toda intuição poética autêntica, com força inabalada.

A inspiração poética é uma alternativa à demagogia e à conversa fiada. Naturalmente é difícil distinguir essas três formas de frases sem significado. Daí o ponto de interrogação no título deste artigo.